

**MÁRIO VARELA GOMES, JOÃO LUIS CARDOSO e
MANUEL FARINHA DOS SANTOS**

**Artefactos do Paleolítico superior
da Gruta do Escoural**

MONTEMOR-O-NOVO

1990

Separata de «ALMANSOR», N.º 8 - 1990

Artefactos do Paleolítico superior da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora)

**Mário Varela Gomes*,
João Luís Cardoso**
e Manuel Farinha dos Santos*****

1. INTRODUÇÃO

A Gruta do Escoural, descoberta em 1963, e o outeiro onde esta se insere, constituem um dos mais significativos arqueossítios da Península Ibérica (fig. 1). De facto, esta cavidade subterrânea foi frequentada desde o Paleolítico médio ao Calcolítico, sendo, sobretudo, utilizada como santuário durante o Paleolítico superior, do Solutrense antigo ao Magdalenense final, e como extensa necrópole no Neolítico médio. No exterior, identificou-se, ainda recentemente, um importante santuário rupestre com arte esquemática, do Neolítico final (Gomes, Gomes e Santos, 1983), contendo representações de bucrânios, de um carro, de um arado, serpentiformes, covinhas, etc..., claramente anteriores às estruturas e níveis de ocupação de um povoado fortificado Calcolítico, com muralhas e torres semicirculares, que o sobrepõe e, em parte, o destrói.

A arte paleolítica da Gruta do Escoural, constitui um santuário pluritemático que tem como centro a sua única grande sala. As suas pinturas e gravuras puderam, através da análise estilístico-morfológica, de algumas sobreposições e do estudo da estratégia da sua localização ou topologia, serem atribuídas a três momentos distintos.

As mais antigas (Solutrense) mostram cavalos e outros quadrúpedes, ou apenas os seus prótomos, assim como pontuações e diferentes signos geométricos, pintados de cor

* Director dos museus de Montemor-o-Novo e Silves

** Universidade Nova de Lisboa

*** Universidade Luís de Camões

negra, as mais recuadas, vermelha ou gravadas com traço profundo e em locais bem visíveis.

Posteriormente, surgem apenas gravuras, representando pequenas cabeças de equídeos e de capríneos, com a característica do interior ser preenchido por incisões múltiplas, muito finas. A este mesmo período, que datamos do Magdalenense, pertencem abundantes figuras geométricas. Por fim, durante o Magdalenense final e possivelmente já alcançando tempos holocénicos, gravaram-se, com traço finíssimo, reticulados, escalariformes, e outras composições de carácter geométrico, ocupando, em geral, locais dissimulados (Glory, Vaultier e Santos, 1965; Gomes, 1983; 1985; 1990; Santos, 1964; 1967; 1972; Santos, Gomes e Monteiro, 1980).

Os artefactos agora dados a conhecer, e que se encontravam inéditos, integram-se, pelas características tipológicas, no Paleolítico superior e são, portanto, contemporâneos da realização das principais manifestações artísticas referidas (fig. 2).

2. INVENTÁRIO

2.1 Fragmento, contendo porção dos volumes mesial e proximal, de ponta do tipo "folha de salgueiro". Foi fabricada sobre lasca de sílex, de cor creme, oferece forma simétrica, alongada, teria base convexa e apresenta talhe cobridor bifacial, com retoques abruptos, mas delicados, sobre os bordos e de aspecto denticulado (figs. 3 e 5A). A variedade de sílex utilizada sugere ter origem em afloramentos mesozóicos da orla ocidental, particularmente nos calcários da região de Lisboa. Mede 43.8 mm de altura, 22.0 mm na maior largura, e 4.5 mm de espessura máxima.

Foi encontrado, durante as escavações dirigidas por um de nós (M.F.S.), no divertículo 1 da galeria 1, sob estrato neolítico. Pertence à colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (G. ESC. 984-110) e encontra-se depositado no Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo.

Trata-se de um artefacto tipologicamente característico do Solutrense superior com paralelos em outras estações portuguesas, aproximando-se da forma das "folhas de loureiro" de talhe bifacial do sub-tipo L da classificação morfológica de Philip Smith (1966, 53), diferindo da descrição feita por este, dado apresentar ambos bordos denticulados.

2.2 Fragmento, contendo porção do volume distal, de zagaia (figs. 4B e 5B). Foi talhada num osso longo indeterminado, oferece secção oval e as superfícies, de cor castanha acinzentada, mostram finíssimas estrias longitudinais. Mede 26.7 mm de comprimento, 7.7 mm na sua maior largura e 4.4 mm de espessura máxima.

Provém da escavação efectuada sob a direcção de um de nós (M.F.S.), na sala B1

(talhão 7, nível 60/70 cms, 1966), e foi identificada aquando do estudo da fauna desta jazida (J.L.C.). Pertence à colecção do Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo.

Embora a Gruta do Escoural possua extensa necrópole neolítica, onde se descobriram artefactos de osso, a peça agora dada a conhecer não se confunde com a extremidade de um furador neolítico, pois mostra maior robustez, secção oval e pátina com cor própria dos materiais osteológicos dos níveis paleolíticos desta jazida, assim como as características estrias que encontramos em peças congéneres, tanto solutrenses como magdalenenses.

2.3 Fragmento, contendo o volume distal e porção do mesial, de zagaia (figs 4A e 5C). Foi talhada num osso longo indeterminado, oferece secção oval na extremidade e côncava-convexa na parte mesial, onde mostra restos de uma ranhura central.

As superfícies, bem polidas e de cor castanha acinzentada, exibem finíssimas estrias longitudinais e, tanto no topo como na metade média da face ventral, observam-se séries de curtos traços transversais paralelos. A extremidade distal tem ligeiro biselamento e nela detecta-se um pequeno levantamento, por certo resultante da acção de um impacto.

Mede 98.5 mm de comprimento, 10.0 mm na sua maior largura e 5.9 mm de espessura média.

Provém da escavação realizada por um de nós na galeria 2 (M.F.S.), pertence à colecção do M.N.A.E. (GR. ESC. 984.114) e foi identificada aquando do seu depósito no Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo (M.V.G.).

Pelo facto deste fragmento de zagaia não possuir a extremidade proximal, torna-se difícil fazer a sua inclusão em qualquer dos morfotipos definidos por H. Delporte et alii (1988).

2.4 Primeira falange anterior direita de *Cervus elaphus*, com duas perfurações subcirculares, medindo cerca de 4 mm de diâmetro; ambas localizadas na face anterior e nas extremidades da diáfise. Estes orifícios, ligeiramente inclinados no sentido do interior do corpo ósseo, comunicam entre si (fig. 4C e 5D).

A peça oferece pátina de cor castanha, com manchas de cor cinzenta a negra, resultante da impregnação de óxidos, provavelmente de manganés, e apresenta uma dissolução da parede óssea na metade anterior da face posterior.

Mede 58.1 mm de comprimento, 21.2 mm de diâmetro transversal proximal, 14.6 mm de diâmetro transversal na diáfise e 18.1 mm de diâmetro transversal na extremidade articular distal. O diâmetro anteroposterior proximal apresenta 25.3 mm e o diâmetro anteroposterior distal é de 15.7 mm.

Provém da escavação realizada sob a direcção de um de nós (M.F.S.), na galeria 1 (talhão 10, nível 230/240 cms, 2-B-329, 1966), e foi identificada aquando do estudo da

fauna desta jazida (J.L.C.). Pertence à colecção do Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo.

Atendendo ao seu aspecto e possível função como pendente, objecto de adorno ou amuleto, e, ainda, à profundidade em que foi recolhida na galeria onde se encontrava, julgamos tratar-se de artefacto do Paleolítico superior. Esta hipótese fica reforçada pelo facto de peças osteológicas de espécies extintas, de inquestionável idade pliocénica (*Crocota crocuta spelaea*, *Dicerorhinus hemitoechus*), da mesma jazida, apresentarem aspecto superficial e grau de mineralização idênticos.

2.5 Fragmento de fíbula esquerda de *Equus caballus*, contendo parte da diáfise e a extremidade articular distal.

Tanto na porção proximal conservada da diáfise, como sobre o bordo esquerdo da face posterior, oferece marcas de dentes de carnívoros indeterminados mas de grande porte (figs. 6 e 7). Na área mesial, sobre a face posterior, evidencia-se uma superfície polida, com brilho, que desgastou a tábua óssea e atinge os bordos laterais. Este polimento, claramente artificial, sobrepõe, no bordo esquerdo, os traços, deixados por dentes de carnívoro, já referidos. Sobre a área polida, antes mencionada, detectaram-se dois conjuntos de pequenas e finas incisões sub-paralelas, de bordos por vezes irregulares, oblíquas em relação ao eixo da peça óssea. Esta, mostra pátina de cor castanha, amarelada, com manchas de cor cinzenta, idênticas às dos restantes artefactos ósseos referidos.

Mede 260.0 mm de comprimento máximo, 74.0 mm de largura articular distal e 37.0 mm no diâmetro transversal da diáfise.

Provém da escavação realizada sob a direcção de um de nós (M.F.S.), na galeria 7 (talhão 2, C1) e foi identificada aquando do estudo da fauna pliocénica desta jazida (J.L.C.). Pertence à colecção do Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo.

A área polida, e as marcas de cortes que esta peça apresenta, sugerem que teria sido utilizada como suporte, por certo no tratamento e seccionamento de tecidos animais ou vegetais.

2.6 Conta, fabricada a partir de valva de *Littorina obtusata* (fig. 5E). Oferece perfuração na face ventral, obtida por abrasão e corte, assim como fractura da zona apical. Mostra pátina homogénea, de cor cinzenta escura, semelhante à detectada nas peças anteriormente descritas.

Mede 17.0 mm de comprimento, 11.0 mm de largura e 11.5 mm de espessura máxima.

Este artefacto, contrariamente ao que acontecia com os restantes agora dados a conhecer, não provém do interior da Gruta do Escoural, mas do enchimento de uma fissura aberta nos calcários aflorantes do outeiro onde aquela se inscreve. Foi recolhido,

e identificado, em 1981, durante a escavação que dois de nós ali dirigimos (M.V.G. e M.F.S.), de colaboração com Rosa Varela Gomes, em local (QC1/C2) situado sob potentes estratos e restos de estruturas pertencentes à ocupação calcolítica do sítio (Gomes, Gomes e Santos, 1983; 1983-84). Pertence à colecção do Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo.

Embora encontrado isolado, tanto a pátina que apresenta como o seu elevado grau de mineralização e a própria tipologia, evidenciam tratar-se de adorno, ou amuleto, do Paleolítico superior.

3. PARALELOS E INTEGRAÇÃO CULTURAL

O fragmento de "folha de salgueiro" foi o primeiro artefacto, descoberto na Gruta do Escoural, a que se atribuiu cronologia paleolítica, sendo, portanto, contemporâneo de algumas manifestações artísticas. É possível que nos espólios das escavações ali realizadas (M.F.S.) surjam outros objectos líticos com datação idêntica, como a análise ao acervo osteológico já demonstrou.

Aquela peça, conta com significativos paralelos provenientes de estações do Maciço Calcário Estremenho, assim como da jazida do Monte da Faíinha (Évora-Monte, Estremoz) (fig. 1). Trata-se de níveis solutrenses de que o mais característico é o da Gruta das Salemas (Loures), integrando pontas pedunculadas, com aletas, e pontas "à cran" relacionáveis com o Solutrense da área levantina da Península que, segundo Jordá (1963, 80), "demonstram a penetração no ocidente peninsular das pontas parpallhonenses". O mesmo horizonte cultural estaria, para aquele autor, presente na Casa da Moura (Peniche) e as pontas pedunculadas que se encontram no Solutrense médio do Parpalló seriam estranhas ao Solutrense médio francês (Jordá, 1963, 83, 86).

Também E. Ripoll (1964-65) comparou o espólio das Salemas com o Solutrense superior e Solutrense — Aurinhacense final de Parpalló, tal como com o Solutrense superior da Cueva Ambrosio, reafirmando a singularidade do "Solutrense Ibérico" e as suas relações com aquela jazida portuguesa. Da Gruta do Poço Velho (Cascais) provém uma ponta "à cran" e uma folha de salgueiro de carácter tipicamente levantino (Ferreira, 1962; Ferreira e Roche, 1980, 9).

Contudo, a indústria do Monte da Faíinha, a geograficamente mais próxima da Gruta do Escoural, não mostra pontas pedunculadas de aletas, nem "folhas de loureiro" clássicas e oferece tendência para formas assimétricas, sendo, para J. Roche (1974, 91) correlacionável com o Solutrense cantábrico. Ali está presente a "folha de salgueiro", com retoques bifaciais (sub-tipo L) com bordos denticulados, semelhante à peça do Escoural (Roche, Ribeiro e Vaultier, 1968, est. II-3; Roche, 1972). Esta, com retoque

mais fino, ofereceria forma alongada e simétrica, pelo que pode ser situada nos finais do Solutrense. Encontra outros paralelos no Sudoeste da França (Le Placard, Fourneau-du-Diable) (Smith, 1966, 251, 261, 265), e na região cantábrica, nomeadamente em Altamira e La Pasiega (Smith, 1966, 53, 54). Por outro lado, conhecem-se folhas de salgueiro bifaciais, com retoques abruptos, e portanto dissemelhantes da do Escoural, nos níveis superiores do Solutrense de Parpalló (Valência) (Pericot, 1952, 51, 53; Zilhão, 1984, 50). Conforme fez notar J. Zilhão (1984, 51) aquele tipo de técnica seria "uma das características mais importantes do Solutrense superior levantino". As duas folhas de salgueiro de Vale Almoinha (Torres Vedras), por possuírem secção plano-convexa são, de igual modo, diferentes da do Escoural, aproximando-se do Solutrense superior de fácies cantábrico, embora esteja presente a ponta "à cran". No entanto, ali parece observar-se peças com bordos denticulados, aspecto que também se detectou na Gruta do Caldeirão (Tomar) e, como referimos, na peça do Escoural (Zilhão, 1984, 41; 1987, 53). Vale Almoinha ofereceu uma datação de radiocarbono de 20.380 ± 150 B.P. (ICEN-71), enquanto que as cronologias absolutas da Gruta do Caldeirão são bem mais recentes, entre 15.170 ± 740 B.P. (ICEN-69) e 10.700 ± 380 B.P. (ICEN-72), apontando para época já Magdalenense e a existência de perturbações estratigráficas (Zilhão, 1987, 20, 21; 1988; 1988a).

Os dois fragmentos de zagaia, provenientes da Gruta do Escoural não contêm o volume proximal, onde melhor se definem as características tipológicas destas armas de arremesso, maioritariamente talhadas sobre haste de rena. Todavia, ambos oferecem as características estrias e o fragmento maior mostra no corpo mesial, além de conjuntos de pequenos traços transversais, uma ranhura lateral. Este aspecto morfológico, sem poder ser considerado particular é mais comum no Magdalenense, onde surgem peças com bordos sub-paralelos e secção trapezoidal, ou sub-rectangular, como o exemplar do Escoural. Alguns paralelos do Fourneau-du-Diable e de Laugerie-Basse (Dordonha), de Le Placard (Charente), ou do Abrigo Grande da Gruta Blanchard (Indre), ofereceram cronologias dos finais do Solutrense ou Magdalenense (Delporte *et alii*, 1988; Smith, 1966, 251, 261, 265).

No Fourneau-du-Diable e em Le Placard, zagaias com base em bisel simples acompanhavam "folhas de salgueiro", tal como em Isturitz (Smith, 1966, 330).

Do nível IV, da Gruta de El Pendo, provém uma zagaia com base monobiselada contendo uma ranhura ao longo da superfície ventral, assim como outras com idênticas ranhuras longitudinais, por vezes com pequenas marcas transversais no volume distal, semelhantes à do Escoural, com secção quadrangular, rectangular ou plano-convexa, mas tendo sido consideradas como características do Magdalenense III cantábrico

(Echegaray et alii, 1980, 157-160, 185, 188, fig. 78-66).

Cronologia idêntica foi atribuída por Barandiaran (1967, 292, 293) a uma zagaia de base monobiselada, com secção quadrada e pequenas marcas na extremidade distal, de El Juyo.

Também o nível do Magdalenense II de Parpalló ofereceu zagaias, com ranhura lateral ou ventral (Pericot, 1942, 80, fig. 49).

Deve-se a H. Breuil (1918, 36, 37) a identificação de fragmentos de zagaias, em haste de cervídeo, provenientes da escavação de Nery Delgado (1867) na Casa da Moura (Cesareda, Peniche) (fig. 8-E,F). Estas foram então classificadas como do Magdalenense antigo, cronologia ainda conferida, por aquele arqueólogo, a um polidor, do mesmo material, e a alguns artefactos, de sílex, como lâminas, lamelas de bordos paralelos, uma delas de bordo abatido e extremidade retocada, e a um raspador sobre lâmina. Ulteriormente J. Roche (1951) procedeu à revisão daquelas indústrias e levantou a hipótese de as mesmas pertencerem ao Magdalenense superior. O mesmo autor, em trabalho datado de 1964 (p. 17) considera a existência de mais de um período do Paleolítico superior naquele arqueossítio, nomeadamente do Solutrense (pontas pedunculadas com barbelas, lamela "à cran") ou Magdalenense. As indústrias solutrenses foram depois publicadas, sem que a este período fosse conferido qualquer artefacto de osso (França, Roche e Ferreira, 1961). Contudo, J. Zilhão (1987, 38) não considerou, em recente trabalho, a presença de argumentos credíveis para admitir a existência de Magdalenense naquela jazida, pelo que a indústria de osso (polidor, zagaias) seria Solutrense. Do mesmo modo, os materiais do Paleolítico superior da gruta das Salemas seriam, na totalidade, atribuíveis ao Solutrense (Zilhão, 1987, 40, 41).

É, ainda, J. Roche (1964, 17-20) que assinala a presença de artefactos solutrenses e magdalenenses nas grutas da Furninha (Peniche) (Delgado, 1880) e Ponte da Laje (Oeiras) sem que, contudo, refira a existência de objectos em osso ou chifre. A já antes referida Gruta das Salemas (Loures) ofereceu dois níveis arqueológicos contendo zagaias de osso, um datado do Perigordense (com pequena ponta de secção elíptica e longa zagaia em osso peniano de *Ursus arctos*, com marcas paralelas) e outro do Solutrense (zagaia de secção elíptica) (fig. 8-A,B,C) (França, Roche e Ferreira, 1961; Roche, 1964, 23-26; Roche e Ferreira, 1970; Roche, Ferreira e França, 1961; Roche, França, Ferreira e Zbyszewski, 1962; Zbyszewski, Roche, França e Ferreira, 1961).

Mais recentemente, na Lapa do Suão (Bombarral), encontraram-se fragmentos de duas zagaias, talhadas sobre haste de *Cervidae*, uma de secção circular e outra de secção elíptica, atribuídas ao Magdalenense (fig. 8-D) (Roche, 1982, 14).

Para J. Zilhão (1985, 140), a importante indústria óssea, integrando zagaias dos níveis

mais altos do enchimento plistocénico da Gruta do Caldeirão, ao contrário do que sucedia nas camadas solutrenses, onde tal indústria escasseava, poderá ser argumento para as considerar já do Magdalenense. Tal hipótese concordaria com as datas de $14C$ obtidas para aqueles estratos e, segundo as figuras apresentadas, as zagaiaes parecem oferecer secção elíptica (Zilhão, 1985, 146, nºs 2 e 6). No quadro anexo ao trabalho agora referido, o mesmo autor assinala no nível Fa, provavelmente post-Solutrense, uma ponta de zagaia de secção arredondada.

A conta de *Littorina obtusata*, encontra abundantes paralelos em jazidas do Paleolítico superior da Estremadura, nomeadamente nas Salemas onde, no nível Solutrense, se recolheram treze conchas perfuradas daquele gasterópode (Ferreira e Roche, 1980, 9, 10; Roche, 1964, 25; Zbyszewski, Roche, França e Ferreira, 1961, 201).

Descobriram-se outras quarenta contas, realizadas com valvas da espécie citada, na Lapa do Suão, onde, conforme referimos, se detectaram fragmentos de zagaiaes, datadas do Magdalenense, assim como outras contas e dois dentes humanos, sugerindo a existência de um enterramento (Ferreira e Roche, 1980, 9; Roche, 1982, 14). A cronologia da Lapa do Suão não se poderá, para J. Zilhão (1987, 55), situar rigorosamente adrede ao Paleolítico superior.

As jazidas portuguesas paleolíticas que ofereceram "elementos de adorno" foram objecto de inventário (Ferreira e Roche, 1980). Para além das já anteriormente citadas, que consideramos mais importantes, quer do ponto de vista da quantidade nelas recolhidas quer sob o aspecto da definição cronológico-cultural dos respectivos contextos, entregaram ainda contas de *Littorina obtusata* a Lapa da Bugalheira (Torres Novas) (1 exemplar fora de contexto) e a Lapa da Raíña (Vimeiro). Os primeiros escavadores desta jazida atribuíram o seu contexto ao Aurinhacense atípico (Almeida, Santos, Roche e Ferreira, 1970, 278); classificação díspar da obtida por sondagem ali realizada em 1987. Com efeito, verificou-se a existência de uma ocupação Solutrense, como mostra o achado de uma "folha de loureiro" característica (Zilhão, 1987, 41). Recentemente um de nós (J.L.C.) identificou, entre a fauna recolhida nas primeiras campanhas, o fragmento distal de uma zagaia, de secção elíptica, e outro possivelmente de zagaia muito pequena ou mesmo de agulha, com secção sub-quadrangular.

Também se exumaram contas de *Littorina obtusata* nas camadas superiores da Gruta do Caldeirão (Solutrense e Magdalenense?) (Zilhão, 1987, 55).

As contas de *Littorina obtusata* com perfuração dorsal ou ventral são comuns a todo o Paleolítico superior, conhecendo-se cerca de duzentas do nível Aurinhacense do Abrigo Blanchard (Barandiaran, 1967, 342, 343).

A falange de veado (*Cervus elaphus*) contendo duas perfurações e que deve ter sido

utilizada como pendente, é relacionável tanto com a falange de *Vulpes sp* do nível IIe de E1 Pendo (Magdalenense III), com perfurações perpendiculares às epífises, como com as falanges perfuradas de rena, atribuídas aos finais do Magdalenense (Mas d'Azil) (Echegaray et alii, 1980, 164, 165, 187, fig. 81-119). Vinte e quatro falanges de *Cervus elaphus*, perfuradas lateralmente, foram exumadas num horizonte Solutrense(?) da Gruta do Caldeirão (Zilhão, 1987, 55). Porém, em algumas trata-se apenas de uma única perfuração lateral, o que dificultaria a sua utilização como elemento de colar. São admissíveis outras hipóteses sobre a sua função, como terem servido de apito de caça ou brinquedo infantil, dada a sua forma antropomórfica natural. O exemplar do Escoural encontra na primeira falange de cervídeo, com perfuração distal, recolhida na já referida Lapa da Rainha (Ferreira e Roche, 1980, 10, fig. 2-3), o seu paralelo mais próximo.

A ocorrência de falanges perfuradas prolonga-se no post-glaciário dado que do concheiro da Moita do Sebastião (Muge) provém uma primeira falange de bovívdeo, com um único orifício na face superior (Roche, 1960, 81, fig. 23-7). Significativamente, o autor não a inclui nos objectos de adorno. Também no concheiro vizinho do Cabeço da Amoreira (Muge) identificaram-se duas falanges de *Cervidae*, uma de *Cervus elaphus*, outra de *Capreolus capreolus*, ambas com perfurações laterais opostas que justificaram a sua inclusão na categoria dos objetos de adorno (Roche, 1951a, 147, 148, est. VI, nºs 21, 22).

4. CONCLUSÕES

A colecção de artefactos agora dada a conhecer, demonstra a presença de actividade humana, durante o Paleolítico superior, no interior da Gruta do Escoural, aspecto que as manifestações artísticas ali descobertas, de carácter mágico-religioso, bem confirmam.

A sua atribuição ao Paleolítico superior, mais especificamente ao Solutrense superior, conforme indica a morfologia do fragmento da "folha de salgueiro" e, eventualmente, ao Magdalenense final, a atendermos aos paralelos que sustentam tanto os fragmentos de zagaia, como a falange de *Cervus* perfurada ou talvez, ainda, a conta de *Littorina obtusata*, acompanha a cronologia conferida ao santuário rupestre. A escassez de indústrias atribuíveis ao Paleolítico superior deve-se ao facto de as zonas interiores das cavidades subterrâneas não terem sido habitualmente habitadas pelo Homem que, em certos casos e como aconteceu na Gruta do Escoural, as elegeram para cenário de actividades conotadas com a superestrutura sagrada e de que tanto as pinturas como as gravuras ali detectadas como, possivelmente, os artefactos agora publicados são testemunho.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, F. de, Santos, M.F. dos, Roche, J., e Ferreira, O. da V., 1970, Notícia preliminar sobre as escavações na Lapa da Rainha (Vimeiro), *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Assoc. dos Arq. Portugueses*, vol. I, pp. 271-279, VII ests, Lisboa.
- Barandiaran, I., 1967, *El Paleomesolítico del Pirineo Occidental*, Monografias Arqueológicas, nº 3, 443 pp., 34 ests, Zaragoza.
- Breuil, H., 1918, Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne, *Terra Portuguesa*, Anno III, nºs 27, 28, pp. 34-39.
- Delgado, J.F.N., 1867, *Estudos geológicos. Da existência do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pela existência das cavernas. Primeiro opúsculo: Notícia Acerca das Grutas da Cesareda*, Memórias da Comissão dos Serviços Geológicos de Portugal, Typographia da Academia Real das Sciencias, 131 pp., III ests, Lisboa.
- 1880, La grotte de Furninha, à Peniche, *Actes du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, pp. 207-278, Lisbonne.
- Delporte, H., et alii, 1988, *Fiches typologiques de l'industrie osseuse préhistorique. Cahier I. Sagaies*, Publications de l'Université de Provence, Aix-en-Provence.
- Echegaray, J.G., et alii, 1980, El yacimiento de la Cueva de "El Pendo", Excavaciones 1953-57, *Bibliotheca Praehistorica Hispana*, vol. XVII, 270 pp., 100 figs., VI ests, Madrid.
- Ferreira, O. da V., 1962, O Solutrense em Portugal, *Actas do XXVI Congresso Luso-Espanhol da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*, secção VII, pp. 229-234, 2 figs, Porto.
- Ferreira, O. da V., e Roche, J., 1980, Os elementos de adorno do Paleolítico superior de Portugal, *Arqueologia*, nº 2, pp. 7-11.
- França, J. C., Roche, J., e Ferreira, O. da V., 1961, Sur l'existence probable d'un niveau solutréen dans les couches de la grotte de Casa da Moura (Cesareda), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XLV, pp. 365-370.
- Glory, A., Vaultier, M., e Santos, M.F. dos, 1965, La grotte ornée d'Escoural (Portugal), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tomo LXII, pp. 110-117.

• Gomes, M.V., 1983, A Gruta do Escoural, um santuário paleolítico, **História de Portugal**, vol. 1, pp. 60, 61, Publicações Alfa, Lisboa.

1985, Arte Rupestre, **Dicionário Ilustrado da História de Portugal**, pp. 188-190, Publicações Alfa, Lisboa.

1990, Cavalo, de cor vermelha, da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora), **Homenagem ao Prof. Doutor Artur Nobre de Gusmão**, Universidade Nova de Lisboa (no prelo).

• Gomes, R.V., Gomes, M.V., e Santos, M.F. dos, 1983, O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora), **Zephyrus**, vol. XXXVI, pp. 287-307.

1983-84, Santuário exterior e povoado calcolítico do Escoural, **Clio/Arqueologia**, nº 1, pp. 77, 78.

• Jordá, F., 1963, Solutrense de facies iberica en Portugal, **Zephyrus**, vol. XIV, pp. 80-86.

• Pericot, L., 1942, **La Cueva del Parpalló (Gandía)**, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 351 pp., 650 figs, XXXII ests, Madrid.

• Ripoll, E., 1964-65, Solutrense de tipo ibérico en Portugal, **Ampurias**, tomo XXVI-XXVII, pp. 210-213.

• Roche, J., 1951, Le niveau Paléolithique supérieur de la Grotte de Casa de Moura (Cesareda), **Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal**, tomo XXXII, pp. 103-123.

1951a, **L'industrie préhistorique du Cabeço d'Amoreira (Muge)**, Instituto para a Alta Cultura-Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, 161 pp., 24 figs., Porto.

1960, **Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge-Portugal)**. **Archéologie**, Instituto de Alta Cultura, 183 pp., 30 figs., IX ests, Lisboa.

1964, Le Paléolithique supérieur portugais. Bilan de nos connaissances et problèmes, **Bulletin de la Société Préhistorique Française**, tomo XLI, pp. 11-27.

1972, L'industrie du gisement solutréen de Monte da Fainha (Evoramonte, Alto Alentejo, Portugal), **Bulletin de la Société Préhistorique Française**, tomo 69, pp. 49-54.

1974, État actuel de nos connaissances sur le solutréen portugais, **Zephyrus**,

vol. XXV, pp. 81-94.

1982, A gruta chamada Lapa do Suão (Bombarral), *Arqueologia*, nº 5, pp. 5-18.

• Roche, J., e Ferreira, O. da V., 1970, Stratigraphie et faunes des niveaux paléolithiques de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo LIV, pp. 263-269.

• Roche, J., Ferreira, O. da V., e França, J.C., 1961, Sagaie à base pointue trouvée dans le niveau périgordien de la grotte de Salemas, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XLV, pp. 207-209.

• Roche, J., França, J.C., Ferreira, O. da V., e Zbyszewski, G., 1962, Le Paléolithique supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XLVI, pp. 187-207.

• Roche, J., Ribeiro, M., e Vaultier, M., 1968, L'industrie du gisement d'Evoramonte (Alentejo), *O Arqueólogo Português*, série III, vol. II, pp. 7-13, VIII ests.

• Santos, M.F. dos, 1964, Vestígios de pinturas rupestres descobertas na Gruta do Escoural, *O Arqueólogo Português*, 2ª série, vol. V, pp. 5-47, XIV ests.

1967, Novas gravuras rupestres descobertas na Gruta do Escoural, *Revista de Guimarães*, vol. LXXVII, pp. 18-34.

1972, *Pré-história de Portugal*, Ed. Verbo, 174 pp., 158 figs., Lisboa.

• Santos, M.F. dos, Gomes, M.V., e Monteiro, J.P., 1980, Descobertas de arte rupestre na Gruta do Escoural (Évora, Portugal), *Altamira Symposium*, pp. 205-242, Ministério de Cultura, Madrid.

• Smith, P.E.L., 1966, *Le Solutréen en France*, Publications de l'Institut de Préhistoire de l'Université de Bordeaux, mémoire nº 5, Imprimeries Delmas, 449 pp., 83 figs., III ests, IV mapas, Bordeaux.

• Zbyszewski, G., Roche, J., França, J.C., e Ferreira, O. da V., 1961, Note préliminaire sur les niveaux du Paléolithique supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XLV, pp. 197-206.

• Zilhão, J., 1984, O Solutrense superior de fácies cantábrico de Vale Almoinha (Cambelas, Torres Vedras), *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 2, pp. 15-86.

1985, Néolithique ancien et Paléolithique supérieur de la Gruta do Cal-

deirão (Tomar, Portugal) - Fouilles 1979-1984, **Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico**, vol. 2, pp. 135-146, Lisboa.

1987, **O Solutrense da Estremadura Portuguesa. Uma proposta de interpretação paleoantropológica**, *Trabalhos de Arqueologia*, nº 4, Inst. Port. do Património Cultural, 94 pp., 28 figs., Lisboa.

1988, Plaquette gravée du Solutrén supérieur de la Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal), **Bulletin de la Société Préhistorique Française**, tomo 85, pp. 105-109.

1988a, Nouvelles datations absolues pour la préhistoire ancienne du Portugal, **Bulletin de la Société Préhistorique Française**, tomo 85, pp. 247-250.

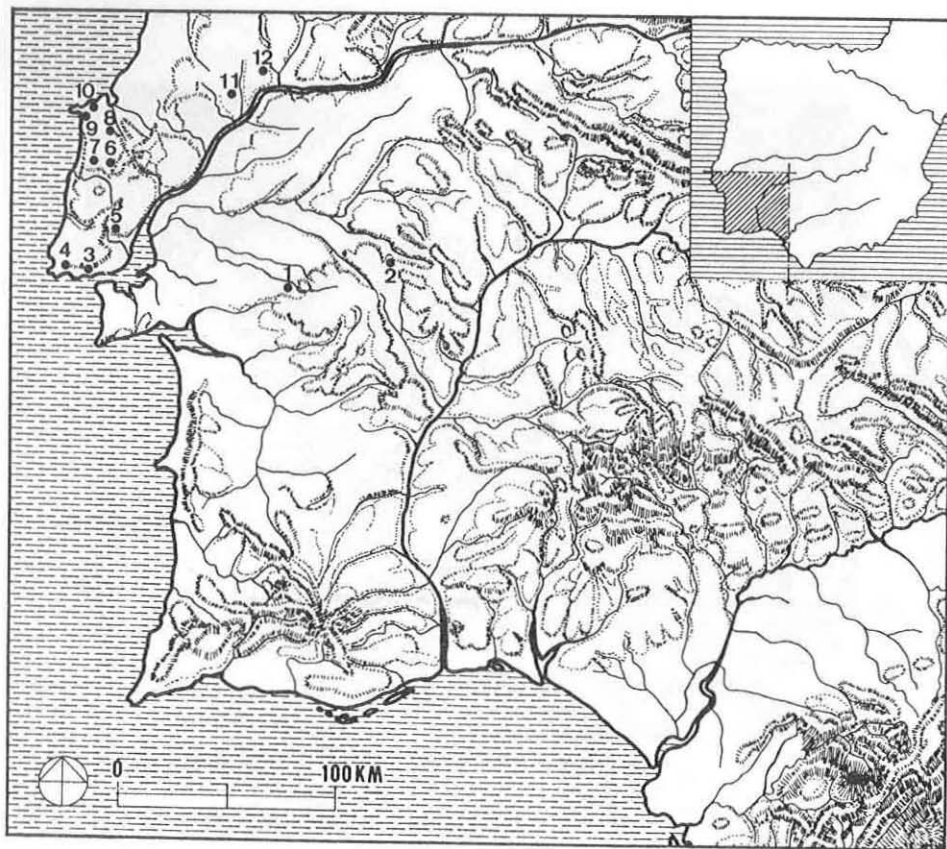


Fig. 1 - Localização da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo) e de outros arqueossítios do Paleolítico superior do Alentejo e Estremadura. 1- Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo); 2 - Monte da Fainha (Estremoz); 3 - Gruta de Ponte da Laje (Oeiras); 4 - Gruta do Poço Velho (Cascais); 5 - Gruta das Salemas (Loures); 6 - Lapa da Rainha (Torres Vedras); 7 - Vale Almoíña (Torres Vedras); 8 - Lapa do Suão (Bombarral); 9 - Gruta da Furninha (Peniche); 10 - Gruta da Casa da Moura (Peniche); 11 - Lapa da Bugalheira (Torres Novas); 12 - Gruta do Caldeirão (Tomar).

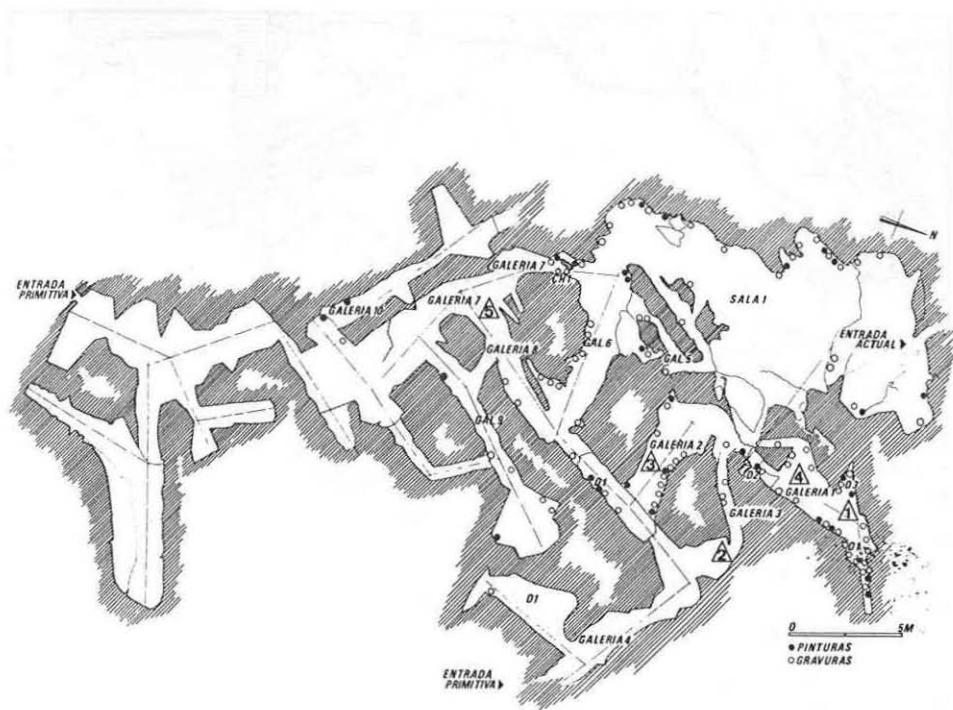


Fig. 2 - Planta da Gruta do Escoural, com indicação dos locais de proveniência dos artefactos agora dados a conhecer, assim como das manifestações artísticas parietais paleolíticas. 1 - Fragmento de "folha de salgueiro"; 2, 3 - Fragmentos de zagaias; 4 - Falange perfurada; 5 - Bigorna. As localizações são aproximadas.

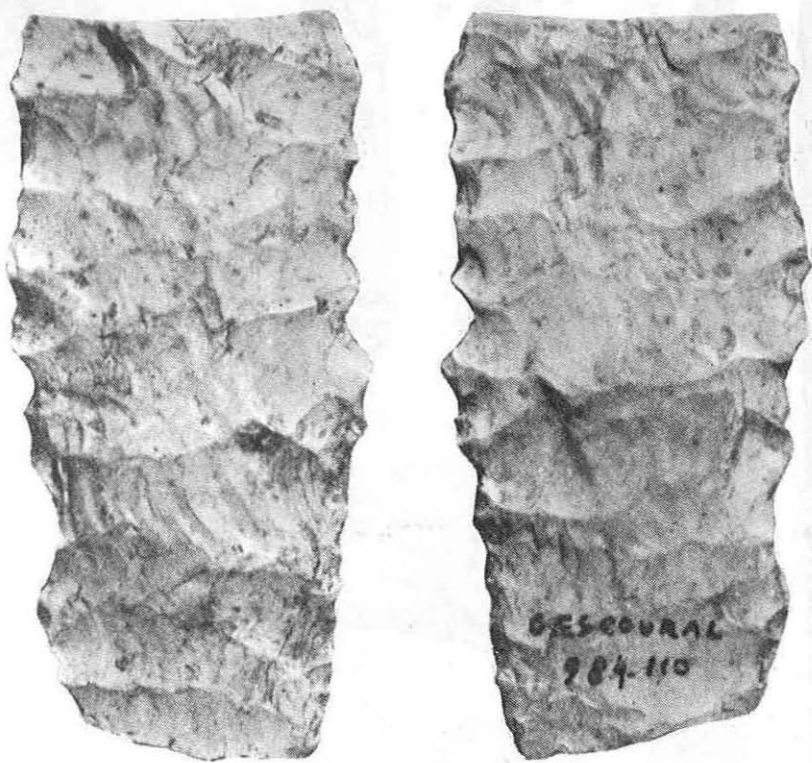


Fig. 3 - Fragmento de "folha de salgueiro" (comp.=43.8 mm). Anverso e reverso (RVIII/89-13, 14) (fotos M.V.G.).

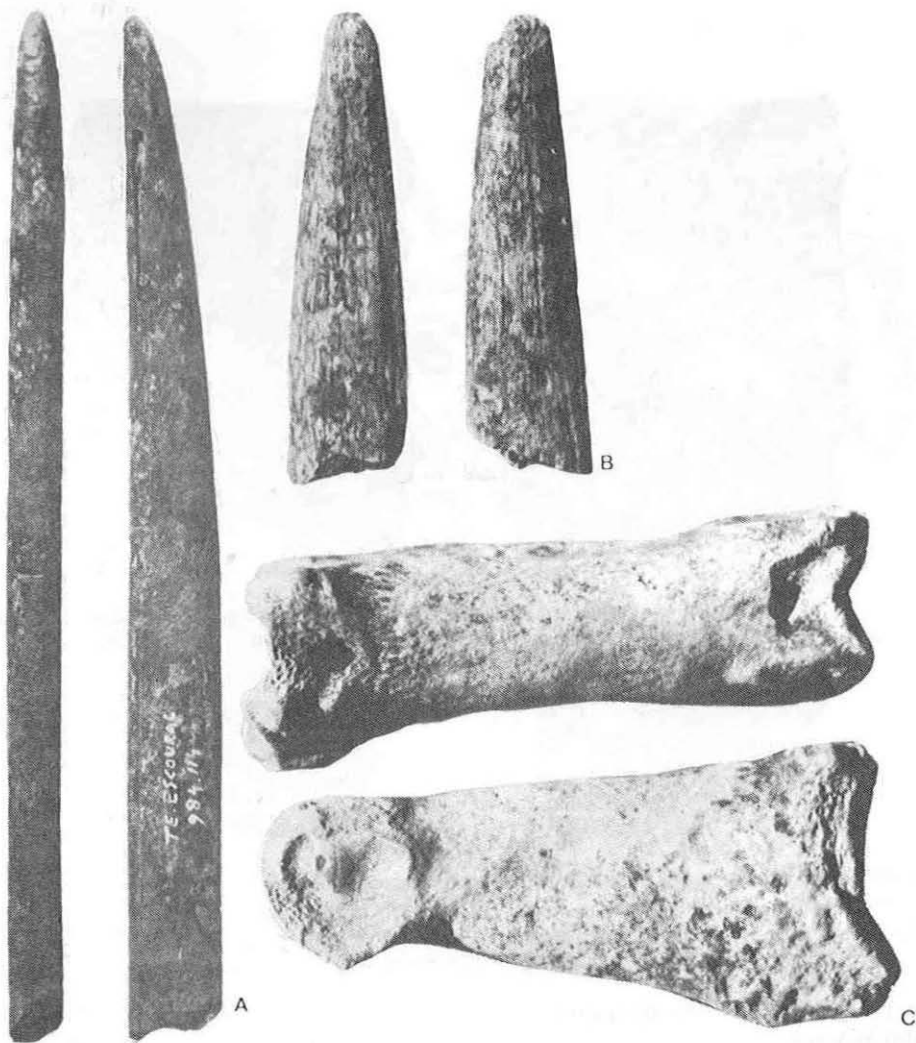


Fig. 4- Fragmentos de zagaiais (A-comp.=98.5 mm; B-comp.=26.7 mm) e falange de *Cervus elaphus* perfurada (C-comp.=58.1 mm) (RVIII/89-7, 9; RXIII/89-9, 10, 6, 7) (Fotos M.V.G.).

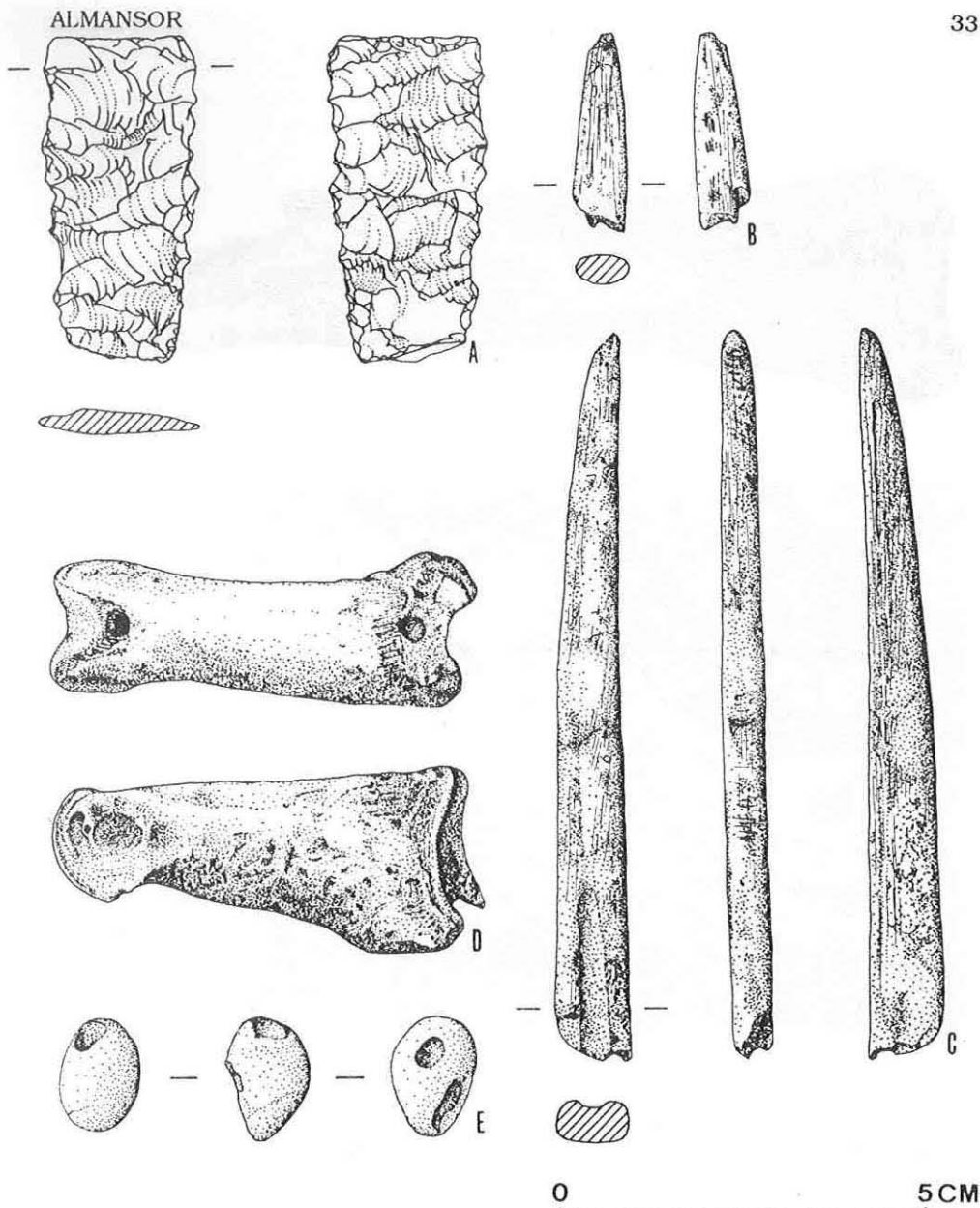


Fig. 5 - A, Fragmento de "folha de salgueiro"; B e C, fragmentos de zagaias; D, falange de *Cervus elaphus* perfurada; E, conta de *Littorina obtusata* (des. Cristina Gaspar).

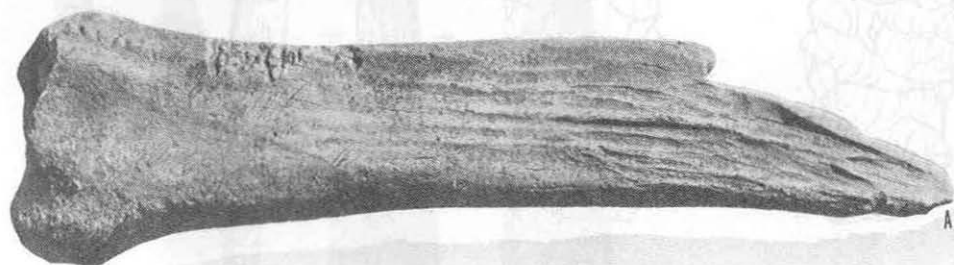


Fig. 6 - Bigorna sobre fragmento de tibia de *Equus caballus* (comp.=260.0 mm) e pormenor, mostrando uma zona polida com séries de finos traços incisos (RVIII/89-15, 19) (Fotos M.V.G.).

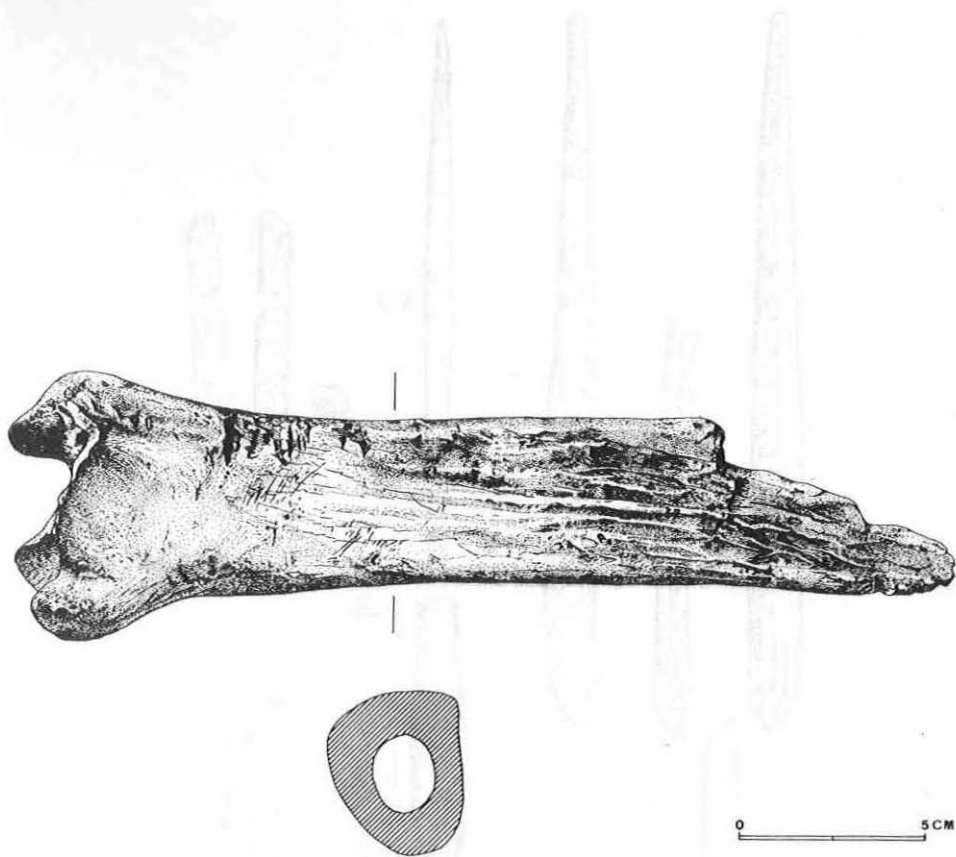


Fig. 7 - Bigorna sobre fragmento de tibia de *Equus caballus* (des. Cristina Gaspar).

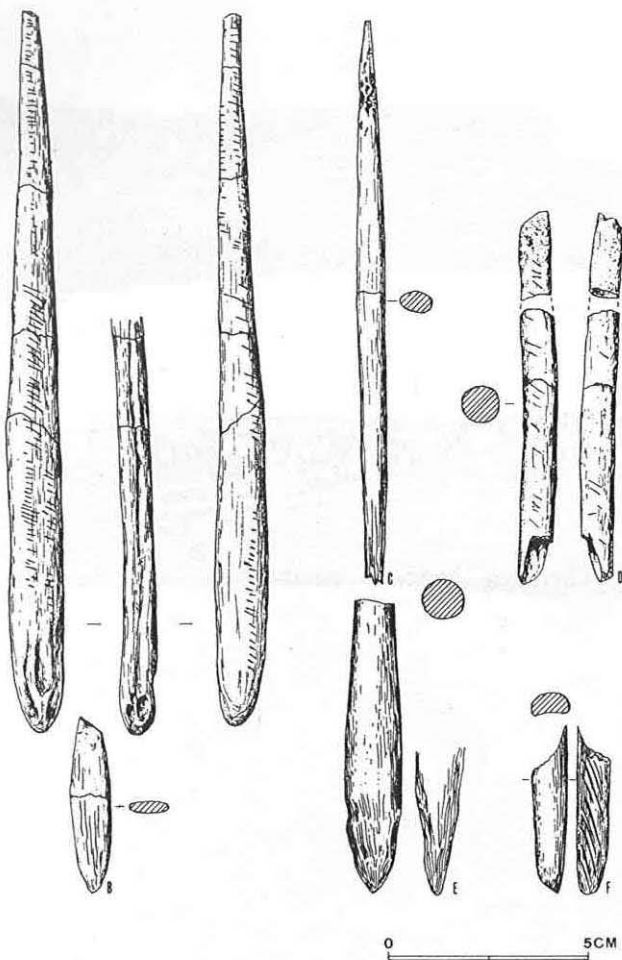


Fig. 8 - Fragmentos de zagais sobre osso ou haste de *cervideae*, do Paleolítico superior de Portugal. A, B - Gruta das Salemas (Loures) (Perigordense); C - Idem (Solutrense); D - Lapa do Suão (Bombarral) (Magdalenense); E e F - Casa da Moura (Peniche) (Magdalenense) (A, seg. Roche, Ferreira e França, 1961, 208, fig. 1; B, seg. Roche, 1964, 22, fig. 3; C, seg. Zbyszewski, Roche, França e Ferreira, 1961, 202, fig. 2; D, seg. Roche, 1982, 17, fig. 9; E e F, seg. Breuil, 1918, 36, fig. 5).